



## O SÍMBOLO DO PÃO: uma piedade eucarística

### THE SYMBOL OF BREAD: a eucharistic piety

*Hernane Jr. Silva Lopes<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo põe em discussão duas realidades presentes na vivência da fé, mais que, ao longo da história da Igreja, foram motivo de grande discussão: a adoração ao Santíssimo Sacramento e a celebração da Missa. A religiosidade popular está na essência da cultura da América Latina, principalmente, a piedade em torno do Santíssimo Sacramento. Os documentos da Conferência Episcopal Latino Americana enfatizam a purificação de alguns elementos da religiosidade popular com o intuito de favorecer o conhecimento verdadeiro da fé católica, o mesmo, aplica-se ao culto Eucarístico fora da missa, que, por vezes, é visto numa perspectiva mágica.

**Palavras chaves:** Piedade. Eucaristia. Pão. Culto eucarístico. Liturgia.

**Abstract:** This article brings into discussion two realities present in the experience of faith, which, throughout the history of the Church, have been the subject of great discussion: the adoration of the Blessed Sacrament and the celebration of Mass. Popular religiosity is at the essence of Latin American culture, especially piety around the Blessed Sacrament. The documents of the Latin American Episcopal Conference emphasize the purification of some elements of popular religiosity with the aim of promoting true knowledge of the Catholic faith, the same applies to Eucharistic worship outside of mass, which is sometimes seen from a perspective magic.

**Key words:** Piety. Eucharist. Bread. Eucharistic service. Liturgy.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao passo que a celebração cristã se consolidava, incorporava elementos culturais, que, com o passar do tempo, mostraram-se inapropriados para o culto. Desde o início, o pão esteve presente não somente como símbolo do culto, mas parte constituinte, e com isso, derivou-se, na Idade Média, um culto ao pão Eucarístico, Corpo de Cristo, o qual frisava mais sua visualização do que comunhão.

Com isso, a piedade popular tomou para si todo o culto eucarístico, e incorporou muitos elementos que distorceram o verdadeiro sentido da Eucaristia, ou seja, alimento,

---

<sup>1</sup>Possui bacharelado eclesiástico em Filosofia pelo Instituto Filosófico São José da Diocese da Campanha. Aluno do sétimo período do bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA). E-mail: hernanejuniorsilvalopes@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1827454730726475>

remédio e conforto para o fiel (Ritual sobre a Sagrada Comunhão e o culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, RCCE, 2000, n. 82). Procissões Eucarísticas, adorações perpétuas, novenas ao Santíssimo tomaram o lugar da celebração Eucarística, a qual é a expressão natural do culto Eucarístico (Sacrosanctum Concilium, SC, n. 1151).

Essa inversão tem suas raízes no modo de celebrar a Eucaristia. A comunidade distanciou-se de sua participação ativa na celebração. A língua latina já não era universal, já não era do conhecimento do povo, o qual, formado em sua maioria por camponeses, sem instruções, preferiam entoar hinos e ladainhas ao Santíssimo, uma vez que poderiam ser decorados, diferentemente dos ritos da Missa que eram extremamente elaborados gramaticalmente e sintaticamente.

O Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II desempenharam um importante papel na purificação e normatização do culto Eucarístico fora da missa. Estes reconheceram o valor da religiosidade popular, porém, sempre enfatizou a soberania da celebração Eucarística sobre ela.

## 2 PÃO NOSSO: SIMBOLOGIA DO PÃO

O culto cristão possui símbolos, os quais permitem a vivências daquelas realidades que não são expressas por palavras (BECKHÄUSER, 2015, p. 59). Os símbolos, dentro das religiões, são meios de comunicação entre o humano e o divino, constituindo a abertura do mundo ao sagrado (FERNÁNDEZ, 2005, p. 87). O homem, quando presta culto a Deus, procura entrar em comunhão com Ele, com toda a sua integralidade: alma, inteligência, linguagem, e corpo, onde os símbolos falam (BECKHÄUSER, 2015, p. 10-11).

O símbolo não só transmite uma mensagem, tampouco constituindo um simples veículo entre o emissor e o receptor; na verdade, ele favorece uma relação, provoca uma identidade, uma aliança, comunica a própria natureza do simbolizado. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 93)

O pão está presente na cultura judaica desde o VII milênio a.C, quando foram cultivados o trigo e a cevada no oriente médio (RUET, 1981, p. 14). Com o passar do tempo, o pão foi ganhando um sentido para além de sua materialidade, ou seja, um sentido litúrgico, um símbolo: “[...] formas concretas pelas quais se expressa determinada religião, como ao modo de conhecer ou representar a própria experiência religiosa.” (FERNÁNDEZ, 2005, p. 87).

As festas realizadas pelos israelitas, apresentadas ao longo das Escrituras Sagradas têm suas origens em festas realizadas pelos povos nômades e povos sedentários. A Páscoa, festa



dos nômades, era uma festa onde se sacrificava um animal para pedir proteção ao rebanho; as festas dos sedentários podem ser divididas em três: a festas dos ázimos, a festa messe e a festa das colheitas. A festa dos ázimos era realizada por ocasião da primeira colheita, onde se ofertam as primícias dela. A festa da messe era realizada após a festa dos ázimos, em que o pão era comido por todos como uma recordação de volta à normalidade após a colheita. A festa das colheitas, conhecida como festa das tendas é uma recordação dos acampamentos no deserto, e, celebração do fim da colheita das uvas. (RUET, 1981, p 16-17)

Com a experiência da libertação do Egito, a simbologia do pão ganhará as liturgias do culto israelita. A celebração da Páscoa judaica consiste basicamente no relato da saída do Egito, com a fundição de duas celebrações: a festa da Páscoa e a festa dos pães ázimos. O livro do Êxodo trata-se de uma experiência coletiva de saída, de libertação do jugo estrangeiro: “Israel não é um povo de escravos” (SKA, 2015, p. 47). O livro do Êxodo possui a referência cultural dos israelitas: a festa da Páscoa descrita no capítulo 12 (SKA, 2015, p. 45), onde se vê que o evento da libertação do povo por Deus através de Moisés, foi anunciado profeticamente na celebração da última ceia no Egito (TABORDA, 2015, p. 86). O relato do Êxodo, assim diz sobre o pão: “Naquela noite, comerão a carne assada [cordeiro] no fogo; com pães ázimos, e ervas amargas a comerão” (Ex 12, 8), e prossegue: “Durante sete dias comereis pães ázimos” (Ex 12, 15).

Além do relato da última ceia no Egito, que traz o pão como um dos elementos, o livro do Êxodo ainda relata sobre o Maná.

Toda a comunidade dos israelitas murmurou contra Moisés e Aarão no deserto. Os israelitas disseram-lhe: “Antes fôssemos mortos pela mão de Iahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados juntos à panela de carne e comíamos pão com fartura! Certamente nos trouxe a este deserto para fazer toda essa multidão morrer de fome.” Iahweh disse a Moisés: “Eis que vos farei chover o pão do céu; sairá o povo e colherá a porção de cada dia, a fim de que eu ponha à prova para ver se anda ou não na minha lei. Mas, no sexto dia, prepararão o que colheram, e será dois tantos do que colhem a cada dia.” (Ex 16, 2-5)

O Maná, chamado “pão do céu” (Ex 16, 4) foi dado aos israelitas por Deus para o sustento no deserto. O sinal do pão é claro nessa passagem: o redator quer insistir na partilha (colher a porção de cada dia) e no respeito ao sábado (no sexto dia, colher também para o dia de sábado), porém, a menção do Maná, no livro do Deuteronômio, é relatado como acontecimento de provação: Deus quer provar seu povo pela fome, mas lhes dá o indispensável para não morrer: “Ele te humilhou, fez com que sentisse fome e te alimentou com o maná que nem tu nem teus pais conheciam, para te mostrar que o homem não vive



apenas de pão, mas que o homem vive de tudo aquilo que procede da boca de Iahweh.” (Dt 8, 3), onde o Maná torna-se símbolo do verdadeiro pão: a palavra de Deus. (ROUET, 1981, p. 19-20. 23)

Jesus também se refere ao Maná, porém, dá pleno sentido (Mt 5, 17) a esse acontecimento. “Eu sou o pão da vida. Vossos pais no deserto comeram o maná e morreram. Este pão é o que desce do céu para que não pereça quem dele comer. Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer desse pão viverá para sempre.” (Jo 6, 48-51) A representação do pão é realizada em Cristo, em que a antiga aliança, a refeição e a partilha são assumidas (ROUET, 1981, p. 25).

Jesus utiliza várias referências ao pão: nas tentações no deserto, Jesus é tentado a transformar pedras em pães (Mt 4, 3); na oração do Pai Nosso um dos pedidos é o do pão (Mt 6, 11), e a multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 15, 32-38). Entretanto, o seu gesto na última ceia é o ponto máximo da simbologia do pão, ou melhor, ponto máximo da transubstanciação<sup>2</sup> do pão em seu corpo: “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão, e tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’ (Mt 26, 26).

Os eventos fundantes de Israel no Antigo Testamento são a última ceia no Egito e a passagem pelo Mar Vermelho, que constituem o fundamento da Páscoa judaica ; para o novo Israel, os cristãos, a passagem de Cristo pelo mar da morte à vida e no tomar do pão e do cálice na última Ceia, será o fundamento memorial para a Páscoa cristã: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22, 19), onde os cristãos “[...] são transportados e representados ao evento fundador do Novo Testamento, fonte de salvação escatológica. [...] transportados, com nossos pés teológicos, com os pés da fé, ao Calvário e ao túmulo vazio do Ressuscitado.” (TABORDA, 2015, p. 88).

Nos sinais do pão e do vinho deixados por Jesus, nós nos tornamos hoje salvificamente contemporâneos do evento redentor da morte e ressurreição do Senhor. Em mistério ou sacramento, participamos do acontecimento histórico único e irrepitível que trouxe a redenção para nós. Por esse pão e esse vinho sobre o qual se pronunciou a ação de graças do memorial e para os quais se suplicou a vinda do Espírito Santo, somos realmente transportados - na fé - ao evento fundador e nos tornamos participantes dele” (TABORDA, 2015, p. 74).

---

<sup>2</sup> “Por meio da consagração, opera-se a transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. Sob as espécies consagradas do pão e do vinho, Cristo mesmo, vivo e glorioso, está presente de maneira verdadeira, real e substancial, seu Corpo e seu Sangue, com sua alma e sua divindade.” (Catecismo da Igreja Católica, CEC, n. 1413).

A última ceia é a grande Todah, ação de graças. A Todah é uma celebração judaica mais popular no antigo Israel. Constituía-se de um sacrifício oferecido por uma pessoa livrada por Deus de um grande perigo, ou, da doença, ou, da morte. Para demonstrar a gratidão pelo livramento, a pessoa reunia-se com parentes e amigos, ofertavam em sacrifício um cordeiro imolado no templo e comiam o cordeiro juntamente com o pão. Durante o rito eram entoados cânticos, salmos e orações. (GRAY, p. 87-93).

A Todah foi traduzida para o grego como Eucharistia. Alguns estudiosos afirmam em dizer que a última ceia foi celebrada num contexto do sacrifício da Todah, do que numa refeição pascal, mas é indiscutível a evidência evangélica da realização da ceia no cenário pascal. Mas não implica excluir o caráter da Todah. A última ceia é a celebração igualmente da Páscoa e da Todah, uma vez que os elementos, pão, vinho, cordeiro sacrificado, hinos e orações são encontrados nas duas celebrações. Para os judeus, “A Páscoa, então, é a refeição da ação de graças, quando os israelitas testemunham como Deus os redimiou e os libertou do jugo egípcio. A Páscoa é o banquete corporativo do Todah de Israel.” (GRAY, 2007, p. 97). Para os cristãos “[...] quando Jesus toma o pão, parte-o e faz uma ação de graças (eucaristia), Ele age conforme as leis de ambos: a Todah e a Páscoa judaica. [...] antecipando sua morte e ressurreição.” (GRAY, 2007, p. 97.)

A Igreja celebra a Páscoa do Senhor, como ele próprio ordenou: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22, 19). A Páscoa da Igreja é o próprio Cristo que se celebra sob o ritmo semanal e anual. O ritmo semanal é a celebração no domingo, chamado páscoa semanal. Foi no domingo que o Senhor ressuscitou e que o Espírito Santo foi enviado.

### 3 A RELIGIOSIDADE POPULAR E A EUCARÍSTICA

A simbologia do pão, apresentada sinteticamente, ganha novos cultos além da celebração da ceia, as quais, os cristãos denominam Eucharistia. A religiosidade popular possui um contato bem específico com o culto Eucarístico fora das celebrações, os quais muitos ocorrem em várias épocas do ano.

O território brasileiro, ao passo que é grande geograficamente, também o é culturalmente. Salta aos olhos uma imensidão de manifestações de religiosidade que se configuram como grande exemplo de cultura popular. Fé, cultura, festa, danças, ritos, símbolos se fundem na chamada religiosidade popular: “[...] presença trinitária que se percebe

em devoções e em iconografias [...]” (Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano , PB, n. 454). A religiosidade popular é manifestação trinitária de Deus, em que percebe a presença divina, principalmente na adoração ao Santíssimo Sacramento, desde que essa forma de piedade esteja livre de resquícios mágicos, superstições que vão em outra direção das verdades da fé.

O documento de Medellín (n. 64) deixa transparecer o local de emergência da religiosidade popular: a subcultura marginalizada. Interessante pensar que a emergência da religiosidade se dá de uma vivência simples da fé que não requer sistemas teológicos, mas de sua intimidade com o divino, haja vista que “A fé chega ao homem envolta sempre numa linguagem cultural” (MEDELÍN, n. 64), linguagem cultural que já pressupõe uma religiosidade fundante e um processo histórico legitimado pela consciência comunitária, logo, consciência eclesial regional, que aparece não como acréscimo a uma consciência eclesial católica, mas como uma particularidade na unidade. A prática da religiosidade popular pode ser entendida como catolicismo popular, em que, quem o pratica, não o sabe, por se tratar de uma ligação profunda e íntima com o sagrado, e a presença do doutrinal é quase nula (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 180).

Ao lado da vida sacramental da Igreja está a piedade popular (CEC, n. 1674), definida como “acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência.” (CEC, 1676). O catecismo demonstra que a piedade surge do enraizamento da fé cristã nas diversas culturas, respondendo, a seu modo simples, as grandes perguntas do ser humano, e, caminhará ao lado do “rito oficial” da Igreja. Desde o surgimento dessas devoções particulares, que aos poucos se tornaram uma vivência comunitária de espiritualidade, uma “[...] síntese vital, [que] engloba criativamente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto.” (CEC, 1676).

O surgimento da religiosidade popular é difícil de ser estabelecido, mas a diferenciação entre liturgia e religiosidade tem como situar no tempo. Toma-se por base o artigo Piedade não-litúrgica de autoria do bispo Dom Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg, que acentua a diferença entre liturgia e religiosidade como um progresso ao longo do século VII até meados do século XV. Dom Boaventura elenca as causas desse dualismo, nas quais se destacam a ideia de que liturgia compete aos clérigos. A ênfase nas funções diferenciadas na sociedade cristã origina diversas formas e estilos de espiritualidade e

orações (2004, 45-48). Na idade média desenvolve-se, de forma clarificadas, expressões de piedade não-litúrgica (religiosidade popular):

Organizam-se representações sacras que têm como objeto os mistérios celebrados no ano litúrgico, sobretudo os eventos salvíficos do Natal e da Paizão, Morte e Ressureição; nasce a poesia em língua vernácula que, encontrando ampla aplicação no campo da piedade popular, incentiva a participação dos fiéis; surgem formas devocionais alternativas ou paralelas a algumas expressões litúrgicas: assim, por exemplo, a raridade da comunhão eucarística é compensada pelas várias formas de adoração do Santíssimo. Na baixa Idade Média a recitação do Rosário tende a substituir o Saltério; aumentam as formas populares de culto à bem-aventurada Virgem e aos Santos: peregrinações aos lugares santos da Palestina e aos túmulos dos Apóstolos e mártires, veneração das relíquias, ladainhas, sufrágios para os falecidos; desenvolvem-se ritos de bênçãos, nos quais, juntamente com os elementos de genuína fé cristã, encontram-se outros que são reflexos de uma sensibilidade naturalista e de crenças e práticas populares pré-cristãs; são estabelecidos núcleos de “tempos sagrados” com fundo popular, que se colocam à margem do ritmo do ano litúrgico: dias de feira sacro-profanos, tríduos, setenários, oitavários, novenas, meses dedicados a devoções populares particulares. (KLOPPENBURG, 2005, p. 47-48).

A citação anterior é necessária para a compressão da diferenciação entre liturgia e religiosidade popular, demonstra que a religiosidade surge do distanciamento dos fiéis com a liturgia. O conhecimento da Sagrada Escritura e da liturgia permanece no âmbito clerical, não atingindo os fiéis, que recorrem a religiosidade popular. “[...] as expressões da piedade popular, muitas vezes até aprovadas e recomendadas pela Igreja, haviam nutrido a vida espiritual de muitos fiéis e produzindo inegáveis frutos de santidade [...]” (KLOPPENBURG, 2005, p. 49).

Como disse Kloppenburg, com a distanciação dos fiéis da comunhão Eucarística, surge a adoração do Santíssimo: O corpo antes comungado, passa a ser somente adorado. Trata-se de uma maneira de tratar a eucaristia no realismo eucarístico (MARTIMORT, 1965, p. 533). Esse dualismo apresentado por Kloppenburg, é mais evidente num contexto doutrinal do Ocidente em que a piedade eucarística se tonou independente da celebração da Missa; a teologia concentra-se na presença de Cristo após a celebração da Santa Missa em decorrência da passagem do “simbolismo”, provindo da doutrina eucarística dos Santos Padres, para o “realismo”. A Santa Missa não é mais comunitária, e sim privativa a sacerdotes, com isso, a comunhão dos fiéis, como dito, torna-se rara, substituindo-a por “ver” a hóstia. “[...] alimentado pela tendência afetiva voltada para a humanidade de Cristo e pelo movimento espiritual do ardente desejo de contemplar a sagrada hóstia.” (ABAD, 2005, p. 191).



Assim, a prática de ver a hóstia ganha vários adornos e significações, seja entre o povo, ou entre místicos (ABAD, 2005, p. 191). Assim, surge as exposições do Santíssimo Sacramento, Bençãos, procissões entre outros, as quais serão apresentadas a seguir.

Os tabernáculos, popularmente conhecidos como sacrários, local para a reserva Eucarística estão agora no centro do altar principal; Surgem no século XI, e para demonstrar a presença real de Jesus nas espécies, é colocada uma lâmpada para sinalizar o que se encontra ali: Jesus Cristo (ABAD, 2005, p. 191). Nesses altares era exposto o Santíssimo Sacramento onde os fiéis iam adorá-lo. Santa Doroteia ia todas as manhãs adorar o Santíssimo exposto, como relata sua hagiografia. Mas os abusos começaram a aparecer (MARTIMORT, 1965, p. 534).

No século XVI aparece em Milão a exposição do Santíssimo Sacramento durante quarenta horas consecutivas, o que contribuirá, para que o século XVII seja apelidado do século da “exposição frequente” pelo surgimento da “exposição perpétua” e a “adoração reparadora” que antecede o tempo quaresmal, bem como a fixação da quinta-feira como dia devocional ao Santíssimo Sacramento (MARTIMORT, 1965, p. 534).

As exposições frequentes do Santíssimo contribuem para a instituição de uma festa própria para o “Corpo de Cristo”, que começa a ser celebrada primeiramente em Liege<sup>3</sup>, e se estende a toda a Igreja com o Papa Urbano IV, em 1264 (ABAD, 2005, p. 192). Papa Urbano IV com a bula *Transiturus* estendia, mas não obrigava, a celebração do “Corpo de Cristo” a toda a Igreja, porém não mencionava a procissão Eucarística que surgiram próximas das primeiras festas do “Corpo de Cristo”. Exemplos:

[...] é assinalada em Saint-Géréon, na diocese de Colônia, em 1279, e em Alberstadt, em 1317. Em França os padres do Concílio de Sens, celebrado em 1320, também dela fazem menção. Na mesma época aparecia em Inglaterra, em Ipswich (1325), e em Itália: Génova (1325), Milão (1336) e Roma (1350) (MARTIMORT, 1965, p. 533).

---

<sup>3</sup> “A origem desta festa que se celebra na quinta-feira posterior à festa da Santíssima Trindade deve ser vista em conexão com a devoção ao Santíssimo Sacramento que desabrochou poderosamente ao longo do século XII e na qual se realçava de maneira particular a presença real do “Cristo todo” no pão consagrado. A esse “movimento” eucarístico estava ligado um grande desejo de contemplar as coisas por parte do homem da Idade Média, desejo este que levou, entre outras coisas, ao costume de elevar a hóstia depois da consagração, atestado pela primeira vez, em relação a Paris, no ano de 1200. Em meio a essa situação a visão da religiosa agostiniana Juliana de Liège, no ano de 11209 e repetida posteriormente, deu grande estímulo à introdução de uma festa especial do Sacramento da Eucaristia. Juliana teria tido a visão do disco lunar dentro do qual havia uma parte negra. Isso foi interpretado como sendo a falta de uma festa eucarística no ciclo anual das festas anuais. Por instância sua e de seus conselheiros espirituais, o bispo Roberto de Liège introduziu essa festa, pela primeira vez, em sua diocese, no ano de 1246.” (ADAM, 2019, p. 123-124).





A festa do “Corpo de Cristo” perde força em sua propagação com a morte do Papa Urbano IV, em 1264, que, em sua bula de introdução *Transiturus*, fundamentava a instituição da festa, bem como uma teologia da doutrina sobre a Santíssima Eucaristia. Porém, com o Papa Clemente V volta o desejo da introdução da festa obrigatória a toda a Igreja, que se concretizará sob o pontificado de João XXII (ADAM, 2019, p. 124).

A demonstração pública do Santíssimo Sacramento nas procissões ganhou o gosto dos católicos, o que contribuiu para o surgimento do ostensório, adaptação dos relicários para a exposição da “hóstia sagrada”, que facilitara o sacerdote “andar” com o Santíssimo durante as procissões, que não ficou restringida apenas a festa do “Corpo de Cristo”, sendo realizadas também na Páscoa, Pentecoste, Natal e festa de Todos os Santos, bem como nos acontecimentos especiais na comunidade (MARTIMORT, 1965, p. 533-534).

Com a exposição do Santíssimo e com as procissões Eucarísticas surgem orações próprias ao Santíssimo, missas celebradas com o Santíssimo exposto no século XIV, principalmente nas Quintas-Feiras, dia votivo do Santíssimo Sacramento, ou em outras datas, com o pressuposto de realçar o dia festivo de alguma celebração. (MARTIMORT, 1965, p. 535). Ladainhas, novenas, hora santa e jaculatórias surgem juntamente com essa devoção ao Santíssimo:

Queremos Deus, homens ingratos! - Ao Pai supremo, ao redentor; - Zombam da fé os insensatos, - Erguem-se em vão contra o Senhor. Da nossa fé, ó Virgem – O brado abençoai: - Queremos Deus, que é nosso Rei, - Queremos Deus, que é nosso Pai. (FRANCA, 1959, p. 273).

Divino Mestre e Salvador nosso! Cheios de confusão nos prostamos em vossa presença, e, fixando a hóstia onde estais prisioneiro por nosso amor, sentimos oprimido o coração pelo peso de nossos pecados, pelos pecados de nossos irmãos e pelo abandono e desprezo em que vos deixam os próprios cristãos, as almas vossas prediletas, e as que se consagram ao vosso serviço!... Desde que com tanta condescendência permitis, que, durante esta hora, os que aqui se acham misturem suas lágrimas com as vossas..., nós vos louvamos, ó Jesus, por aqueles que vos maldizem..., rezamos por aqueles que vos esquecem..., choramos por aqueles que vos ofendem..., e vos adoramos por aqueles que vos abandonaram... Aceitai, Senhor, o clamor de expiação que um sincero pesar arranca de nossas almas angustiadas (FRANCA, 1959, p. 106).

D. O’ Coração Eucarístico de Jesus! T. Abençoai as nossas intenções! D. O’ Coração Eucarístico de Jesus”. T. Confortai-nos, sustentai-nos, recebei-nos no vosso amor. (FRANCA, 1959, p. 139).

Essas orações, cantos, jaculatórios entre outros acompanharão as procissões eucarísticas, bem como os momentos devocionais ao Santíssimo Sacramento.

Com o crescimento e a difusão das devoções Eucarísticas, a Igreja começa a perceber os sintomas causados por tais devoções originadas no culto Eucarístico fora da missa (ABAD, 2005, p 192). Por isso, tanto o Concílio de Trento, quanto o Concílio Vaticano II irão propor soluções para esta crise, onde, a missa é substituída pelas devoções Eucarísticas, não que ela não tenha importância, porém, a acentuação no adorar proporcionou um esquecimento do comungar.

#### 4 POR UMA PIEDADE EUCARÍSTICA LITÚRGICA

O Concílio de Trento reconheceu a legitimidade das devoções Eucarísticas, porém, determinou certas normas para um culto apropriado ao Santíssimo Sacramento. Quanto a Exposição do Santíssimo Sacramento define duas formas: a particular e a pública. A primeira, a hóstia não está visível e fica dentro do tabernáculo. A segunda está visível a todos na custódia. As exposições fora da festa do “Corpo de Cristo” devem ser autorizadas pelo ordinário local. Quanto as missas com o Santíssimo exposto, a igreja sempre se posicionou com uma severidade, dado que essa prática prejudica a participação na celebração na eucaristia, e o culto da presença real de Cristo. (MARTIMORT, 1965, p. 535-536).

Com a celebração do Concílio Vaticano II a reflexão sobre a Eucaristia e o seu culto torna-se primordial na reforma do culto litúrgico: “Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, através de Sua Carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo.” (SC, n. 1151). A celebração da Santa Missa é o lugar da expressão natural do culto eucarístico, o que não exclui as outras expressões, pois “Os piedosos exercícios do povo cristão, conquanto conformes às leis e normas da Igreja, são encarecidamente recomendados, sobretudo, quando são feitos por ordem da Sé Apostólica.” (SC, n. 540).

As devoções Eucarísticas são legitimadas em rituais, principalmente no *Culto Eucarístico fora da missa*. Este ritual traduz em suas celebrações, aquilo que se pretende nesse ponto: conciliação entre a piedade/religiosidade, purificada de certos exageros, com uma celebração dentro das normas litúrgicas, proporcionando uma piedade litúrgica que não exclui e não condene a as devoções populares, proporcionando uma maior participação de fiéis nas celebrações litúrgicas.

*O Ritual da sagrada comunhão e do culto à Eucaristia fora da missa (RCCE)* constitui a síntese da reflexão teológica e práxis dos documentos anteriores. Nele,



confirmam-se a unidade e a continuidade entre a missa e o culto eucarístico fora da missa, ajudando a superar a dicotomia ente celebração e culto eucarístico e reorientando a piedade eucarística do povo cristão para o sentido teológico-litúrgico. No que se refere à comunhão fora da missa, o *Ritual da unção dos enfermos e seu cuidado pastoral* (RUE), publicado em 1972, oferece um importante complemento ao RCCE. (ABAD, 2005, p. 187-188).

O RCCE trata dos seguintes temas: a Sagrada Comunhão fora da Missa, a Comunhão e o Viático administrados aos doentes por ministro extraordinário, as diversas formas de culto à Santíssima Eucaristia e Textos diversos a serem usados na distribuição da Comunhão fora da Missa, na adoração e na procissão do Santíssimo Sacramento. Concentrar-se á no tema das diversas formas do culto à Santíssima Eucaristia.

O Ritual apresenta normas para este culto, realçando em primeiro lugar a harmonização entre os exercícios de piedade, o tempo litúrgico e a Sagrada Liturgia, a fim de que, através do culto a Eucaristia, os fiéis tenham consciência que este culto decorre da celebração Eucarística, missa, e a ela recorrem, pois a piedade que leva ao culto à Eucaristia é a mesma que move a participação do mistério Pascal (RCCE, 2000, n. 79-80). O culto Eucarístico e a celebração Eucarística estão numa íntima relação, por isso, ambos conduzem a “comunhão de vida” oferecida por Cristo (ABAD, 2005, p. 195).

Em relação a Exposição do Santíssimo Sacramento, o ritual recorda que, mesmo a exposição no cibório ou no ostensório, é a presença real de Cristo. Recomenda-se que nas exposições transpareça a íntima relação entre o culto Eucarístico e a celebração da Missa, evitando-se quaisquer inserções que não representam essa unidade, igualmente, as que vão ao contrário do desejo de Cristo ao instituir a eucaristia: alimento, remédio e conforto (RCCE, 2000, n. 82).

O desconhecimento das rubricas e instruções ainda levam a abusos, tanto na liturgia eucarística, quanto no culto eucarístico. O RCCE no número 82 recomenda-se o cuidado para que se evite ações que vão contra o sentido da Eucaristia, o que, como apresentado antes, por séculos, foram inseridos. O ritual quer dar a clareza de que se trata o culto eucarístico, apresentar uma forma litúrgica para tal, bem como afastar abusos.

Deve-se ter cuidado com orações, intercessões e súplicas que associem elementos mágicos a Eucaristia, os quais, na religiosidade popular, não purificada, está presente. Por isso, quando a Igreja se propõe a purificar a religiosidade popular para que haja uma compreensão dela, quer que a religiosidade transmita as verdades da fé. É necessário que as práticas do culto Eucarístico também sejam purificadas, para que, mostrem a verdade sobre a

Eucaristia. A citação a seguir trata-se da religiosidade popular, mas pode ser aplicada ao culto eucarístico.

É evidente que esta piedade não pode acolher ritos de magia, de superstição, de espiritismo, de umbanda, de vingança ou conotação sexual. De alguma maneira nela se deve perceber: a inspiração bíblica, sendo improponível uma oração cristã sem referência direta ou indireta às páginas bíblicas; o influxo litúrgico, enquanto segue e faz eco aos mistérios celebrados nas ações litúrgicas; o sopro ecumênico, ou seja, a consideração de sensibilidades e tradições cristãs diferentes, sem com isso chegar a inibições inoportunas; e expressões significativas para um dado povo, evitando porém o arcaísmo sem sentido no esforço de dialogar com sensibilidades hodiernas. (KLOPPENBURG, 2004, p. 43).

Vê-se hoje um espetáculo inserido no culto Eucarístico. Jogo de luzes, cantos de ambientação não litúrgicos, inserções de músicas profanas, orações espetaculares de exorcismo com o santíssimo, “o martelo de Thor” do santíssimo que derruba muralhas entre tantos outros. Esse espetáculo não condiz com a verdade da eucaristia, que deveria ser um prolongamento de louvor e ação de graças da santa missa, onde se participa dos dons oferecidos pelo próprio Cristo (ABAD, 2005, p. 194). Essas práticas não devem ser purificadas, e sim, erradicadas das práticas litúrgicas das comunidades eclesiais.

O RCCE é claro quanto a exposição do santíssimo: “Durante a exposição, as orações, cantos e leituras devem ser organizados de tal modo que os fiéis, recolhidos em fervorosa oração, se dediquem ao Cristo Senhor.” (RCCE, 2000, n. 95). O Ritual demonstra a sobriedade do culto eucarístico, de forma que ele demonstre “[...] seu ritmo dinâmico e conta com diversos elementos que ajudam os fiéis a apreciar e viver o mistério eucarístico, a centrar-se na oração e a dedicar-se plenamente a Cristo, o Senhor.” (ABAD, 2005, p. 196).

Referente ao modo de proceder, o Ritual diz:

Para favorecer a oração interior usar-se-ão leituras da Sagrada Escritura com homilia ou breves exortações que despertem maior estima pelo mistério eucarístico. Convém ainda que os fiéis respondam à Palavra de Deus através do canto. É conveniente que em momentos apropriados se guarde um silêncio sagrados. (RCCE, 2000, n. 95).

Durante a exposição mais prolongada do Santíssimo Sacramento, pode celebrar-se também alguma parte da Liturgia das Horas, sobretudo as Horas principais [Laudes e Vésperas]; na verdade, por ela os louvores e as ações de graças tributadas a Deus na celebração da Eucaristia estendem-se às diversas horas do dia e as preces da Igreja se dirigem a Cristo e por Cristo ao Pai em nome de toda a humanidade. (RCCE, 2000, n. 96).

Essa forma de cultivar o Santíssimo Sacramento, seja na forma breve ou prolongada (RCCE, 2000, p. 57-58) seguem o modelo da celebração da Palavra de Deus (ABAD, 2005, p.

196). A presença da Palavra de Deus no culto eucarístico é de suma importância, uma vez que palavra e eucaristia são integradas: “[...] tão intimamente unidas entre si que constituem um só ato de culto.” (SC, n. 56). Por vezes, dá-se atenção a tantos espetáculos na adoração e se esquece da Palavra viva, a qual também é forma de comunhão.

Quanto as procissões eucarísticas, o ritual define: “O povo cristão dá um testemunho público de fé e piedade para com o Santíssimo Sacramento nas procissões em que a Eucaristia é levada pelas ruas em rito solene com cantos.” (RCCE, 2000, n. 101). Essas procissões estão sob jurisdição do Bispo diocesano, que deve julgar quando ocorrer, local e organização da mesma (RCCE, 2000, n. 101). Quanto as normas:

Convém que a procissão com o Santíssimo Sacramento se realize após a missa na qual se consagrará a hóstia a ser levada na procissão. Nada impede que a procissão seja feita também após uma adoração pública e prolongada depois da missa. (RCCE, 2000, p. 103).

As procissões eucarísticas sejam organizadas segundo o costume dos lugares, no que se refere à ornamentação das praças e ruas e no que diz respeito à ordem dos que delas participam. Durante o trajeto, se for costume e o bem pastoral o aconselhar, pode haver estações, também com bênção eucarística. Os cantos e as orações deverão contribuir para que todos manifestem sua fé em Cristo, atentos somente ao Senhor. (RCCE, 2000, n. 104).

Seguindo as normas referente a exposição do Santíssimo, as procissões eucarísticas onde reine a sobriedade e solenidade. Contudo, a realidade se mostra contrária. Cercos de Jericó, onde tornou-se costume em dar sete voltas com o Santíssimo são carregadas de espetáculos e shows, onde a eucaristia desaparece em meio a luzes, fumaças, som de trombetas entre outros. A procissão deixa de demonstrar a fé pública e passa a demonstrar um “desfile” com todos os aparatos de ornamentação, efeitos especiais e sonoros e vestimentas extravagantes. Deve-se zelar para que, como no culto eucarístico, as procissões sejam um modo de “[...] aprofundar essa ‘união espiritual com Cristo’, à qual o próprio sacramento [missa] conduz.” (ABAD, 2005, p. 195). A procissão eucarística não somente demonstra de forma pública a fé na presença real de Cristo na eucaristia, mas uma união íntima com o senhor que caminha com seu povo rumo a terra prometida (Dt 31,8).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto Eucarístico fora da missa deve ser iluminado pela celebração Eucarística, só assim, ele irá proporcionar aos fiéis a compreensão de que, o Corpo de Cristo que é adorado, é



o pão consagrado na celebração da missa, o qual é comungado para que o humano e o Divino se entrelaçam numa íntima comunhão de amor, onde a alma é alimentada, os pecados são sarados pelo remédio salutar e a vida espiritual confortada pelo *Maná*.

Purificado de elementos mágicos bem como de elementos que, ao invés de levar o fiel a uma íntima relação com o Senhor Jesus no Santíssimo Sacramento, faz com que os fiéis observem mais as flores, panos, velas anjos entre outros que ofuscam o ostensório, o culto Eucarístico fora da missa, como, adoração, procissões e bênçãos com o Santíssimo proporciona ao fiel uma experiência que o oriente para o centro do culto: a comunhão eucarística.

Assim, “Graças e louvores sejam dados a todo momento, ao Santíssimo diviníssimo Sacramento.” A piedade eucarística é uma das mais belas cultivada pelo povo, onde, reconhecem e prestam toda reverência a presença real de Jesus na Eucaristia. Mesmo que muitos não possam aproximar da comunhão eucarística, na adoração ao Santíssimo estabelecem uma íntima comunhão com o Senhor, onde, os efeitos da Comunhão Eucarísticas são sentidos no olhar, na prostração e adoração diante de magnífico mistério da Fé.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A bíblia de Jerusalém.** Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson (coord.). São Paulo: Paulus, 2002.

ABAD, Carlos. A Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Manual de Liturgia III A celebração do mistério pascal: os sacramentos: sinais do mistério pascal.. São Paulo: Paulus, 2005, p. 187-201.

ADAM, Adolf. **O ano Litúrgico:** sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. Trad. Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Loyola, 2019.

BECKHÄUSER, Alberto. **Símbolos Litúrgicos.** 15ª e.d. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a Sagrada Liturgia. **Compêndio do Vaticano II:** constituições, Decretos, Declarações. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Declaração dos cardeais, arcebispos, bispos e demais preladados representantes da hierarquia da América Latina reunidos na conferência Episcopal de Medellín. **Documentos do Celam:** conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p.73-224.





CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. **Documentos do Celam**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p.227-584.

FERNÁNDEZ, Conrado. A Sacramentalidade da Liturgia. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Manual de Liturgia II A celebração do mistério pascal. **Fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 83-110.  
FRANCA, Leovigildo. **Manual da Paróquia**. 6ª e.d. Petrópolis: Vozes, 1959.

GRAY, Tim. Da Páscoa judaica para a Eucaristia cristã: O sacrifício “Todah” como base para a última ceia. In: HAHN, Scott; FLABERTY, Regis J. (org.). **A Sagrada Escritura no Mistério da Santa Missa**: razões para ser católico. Tradução de Leide Severina Costa. São Paulo: Palavra e Prece, 2007, p. 87-98.

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Santos fortes**: raízes do Sagrado no Brasil. Rio de Janeiro, Anfiteatro, 2017.

KLOPPENBURG, Boaventura. Piedade não-litúrgica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 64, n. 253, p. 41-52, 15 maio 2004. Recurso eletrônico.

MARTIMORT, Aimé Georges (Org.). **A Igreja em oração**: introdução a liturgia. Tradução portuguesa pelos monges beneditinos do Mosteiro de Singeverga. Barcelos: Ora et Labora, 1965.

RITUAL: A Sagrada Comunhão e o culto do Mistério Eucarístico fora da Missa. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus. 2000.

ROUET, Albert. **A missa na história**. Tradução de Maria Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1981.

SKA, Jean Loius. **O Antigo Testamento**: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. Tradução de Leonardo Agostini Fernandes. São Paulo: Paulus, 2015.

TABORDA, Francisco. **O memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

*Recebido em:* 17 de junho de 2024

*Aprovado em:* 5 de julho de 2024

